

CCB

CENTRO DE ESPECTÁCULOS

SCHUMANN/BRAHMS: DÍPTICO ROMÂNTICO

SCHOSTAKOVICH-ENSEMBLE

DIRECTOR ARTÍSTICO FILIPE PINTO-RIBEIRO . ENSEMBLE ASSOCIADO DA TEMPORADA CCB 08'09



17 OUT'08 / PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO / 21H / M/12

SCHUMANN-BRAHMS: DÍPTICO ROMÂNTICO

SCHOSTAKOVICH-ENSEMBLE

FILIFE PINTO-RIBEIRO piano . PHILIPPE GRAFFIN violino
NATALIA TCHITCH viola . PAVEL GOMZIAKOV violoncelo



PROGRAMA

Robert Schumann (1810-1856)

Trio com piano n.º 1 em Ré menor, op. 63

- I. *Mit energie und Leidenschaft*
- II. *Lebhaft, doch nicht zu rasch*
- III. *Langsam, mit inniger Empfindung*
- IV. *Mit Feuer*

Johannes Brahms (1833-1897)

Quarteto com piano n.º 2 em Lá maior, op. 26

- I. *Allegro non troppo*
- II. *Poco Adagio*
- III. *Scherzo: Poco Allegro*
- IV. *Finale: Allegro*

NOTAS AO PROGRAMA

Francisco C. Sasseti

A estreita relação de amizade que unia Robert Schumann e Johannes Brahms é conhecida. Foi Joseph Joachim que fez com que os dois se conhecessem, e o primeiro encontro entre eles aconteceu em 1853, em Dusseldorf. Brahms tinha então vinte anos e Schumann ficou de tal forma impressionado com o jovem compositor que lhe dedicou o seu último artigo na *Neue Zeitschrift für Musik*, a influente publicação que fundou. Mais tarde, Schumann apresentou Brahms à editora Breitkopf & Härtel e, pouco depois, convidou-o para ir viver com ele e a sua mulher, a emblemática Clara Schumann.

Poucos anos depois, em 1856, Schumann morreu, mas Brahms manteve-se um amigo leal. Sempre muito próximo de Clara, por quem se apaixonou, foi um defensor entusiasta da obra de Schumann – foi ele, por exemplo, que fez publicar, em 1891, a versão original (1841) da quarta sinfonia (op. 120) do compositor. Brahms morreu, já famoso, em 1897.

Atualmente, a música de ambos os compositores é das mais acarinhadas pelo público, mais interpretadas e mais conceituadas. Schumann e Brahms são, sem dúvida, dois símbolos marcantes do romantismo musical e as suas composições tornaram-se determinantes para a evolução da história da música ocidental do século XIX.

R. Schumann | *Trio com piano n.º 1 em Ré menor, op. 63* (c. 30 min.)

Dos quatro trios com piano que Schumann compôs (op. 63, op. 80, op. 110 e *Phantasiestücke* op. 88), o primeiro, em Ré menor, é sem dúvida o que mais sucesso tem, quer com o público quer com os intérpretes, e é o único que tem um lugar regular no repertório.

A obra foi escrita em 1847, no mesmo ano que o *Trio* op. 80, na cidade de Dresden, para onde o compositor tinha ido viver com a família em Dezembro de 1844. A estreia pública deu-se em Leipzig, no dia 13 de Novembro de 1848, depois de ter sido publicada em Julho desse mesmo ano pela Breitkopf & Härtel.

Não é de admirar que este trio tenha obtido um sucesso considerável. De facto, é uma obra-prima do género, representativa do romantismo musical e da natureza criativa de Schumann. Ao cromatismo e expressividade melódica juntam-se elementos directamente derivados do estudo da música de Bach, compositor que Schumann muito admirava, como, aliás, era comum na sua época.

O trio está dividido em quatro andamentos, como era tradicional. O primeiro é baseado em dois temas de grande escala e, ao longo de toda esta secção, Schumann surpreende-nos por diversas vezes, uma característica habitual da sua personalidade – não nos esqueçamos que o compositor foi um dos espíritos musicais mais originais da sua época. O *Scherzo* que se segue é baseado numa sequência de notas ascendentes que tanto são tocadas de forma viva e nervosa, como de forma mais calma. No terceiro andamento, mais intensamente romântico, Schumann explora ambientes sombrios e íntimos, embora não deixe de incluir algumas passagens mais animadas. Este ânimo converte-se em paixão e intensidade no último andamento, que contém dois temas distintos. Na partitura, Schumann indica *Mit Feuer* (“Com Fogo”), o que nos demonstra bem o ambiente pujante que o compositor pretendia impor à sua música.

Finalmente, há que referir um aspecto mais técnico relativo a esta obra e que se estende a grande parte da música de câmara com piano de Schumann: os intérpretes têm de prestar um cuidado especial ao equilíbrio sonoro. De facto, tendo o piano, sempre presente, um lugar preponderante em toda a peça, tem de haver um esforço consciente da parte do pianista para não cobrir os outros dois instrumentos de corda.

J. Brahms | *Quarteto com piano n.º 2 em Lá maior, op. 26* (c. 47 min.)

A produção de música de câmara de Johannes Brahms é notável e tornou-se emblemática ao longo dos anos. Sem ter escrito um número avultado de peças neste género específico (vinte e quatro opus), o compositor, mesmo assim, escreveu para vários tipos de conjuntos instrumentais e a esmagadora maioria destas peças é de grande interesse musical e faz parte do repertório habitual que se ouve nas salas de concerto. Entre outras obras, Brahms escreveu sonatas para violino e para violoncelo, sonatas para clarinete (ou viola), e variadíssimos trios, quartetos, quintetos e sextetos – entre os quais os três quartetos com piano, opp. 25, 26 e 60, uma formação fora do comum para a época.

À semelhança de outras obras do compositor, como as duas primeiras sinfonias e quartetos de cordas e as sonatas para clarinete, os dois primeiros quartetos com piano foram escritos na mesma altura, a partir de 1857. Quatro anos depois, em 1861, as duas peças estavam terminadas e em Novembro de 1862 as duas foram estreadas (em dias diferentes). O *Quarteto com piano em Lá maior, op. 26*, foi apresentado pela primeira, com sucesso, pelo próprio Brahms ao piano e por membros do Quarteto Hellmesberger, no dia 29 desse mês. No programa constavam também as *Variações sobre um tema de Handel*, op. 24, a *Fantasia em Dó maior*, op. 17, de Schumann, e uma *tocatta* de Bach num arranjo do próprio Brahms. Em 1863, estes dois primeiros quartetos com piano foram publicados.

A obra está dividida em quatro andamentos e é muitas vezes considerada menos interessante do que a op. 25, provavelmente devido ao facto de não ser tão explicitamente romântica ou não parecer tão inspirada como esta última, o que é sem dúvida muito discutível. Ao longo dos andamentos, Brahms demonstra bem a sua inigualável criatividade temática. O primeiro andamento, mais tradicional, alterna entre serenidade e intensidade. O *Adagio*, simples e magnífico, funciona como centro emocional e musical da obra. No *Scherzo*, com a sua escrita canónica, é audível a admiração que Brahms tinha pela música de Bach. Por fim, no último andamento, onde a inventividade temática do compositor também está bem patente, são os ritmos dançantes e enérgicos que predominam, levando a música a um final vigoroso.



ENSEMBLE ASSOCIADO DA TEMPORADA 2008/2009

Criado em 2006 pelo pianista Filipe Pinto-Ribeiro, que é o seu director artístico, o **Schostakovich-Ensemble** tem actuado regularmente no CCB, merecendo especial destaque o seu mais recente concerto, a *Integral dos Trios com Piano* de Beethoven, que apresentaram no final de Maio.

Na temporada de 2008/2009, o Schostakovich-Ensemble, cuja formação integra, além de Pinto-Ribeiro, músicos como a violinista Tatiana Samouil e o violoncelista Pavel Gomziakov, será Ensemble Associado do CCB, actuando numa série de concertos que terão o seu momento alto em Dezembro, com a interpretação do *Quarteto para o Fim do Tempo* de Messiaen, que conta também com a presença do clarinetista Pascal Moraguès; em Fevereiro, no âmbito do projecto Carta Branca, tem como convidado o barítono José Van Dam; e em Junho, com a participação do violetista Gérard Caussé no concerto comemorativo dos bicentenários de Haydn e Mendelssohn.

SCHOSTAKOVICH-ENSEMBLE

O Schostakovich-Ensemble é um agrupamento musical que se distingue pela excelência do seu trabalho e o prazer da música de câmara. Foi criado em 2006, pelo pianista e também director artístico Filipe Pinto-Ribeiro, ano em que se comemorou o centenário de nascimento do compositor russo Dmitri Schostakovich. Dos muitos concertos em que já participou, merece particular atenção as apresentações em várias cidades europeias, como Lisboa, Estocolmo, Tallinn e Moscovo, onde o Ensemble alcançou excelente receptividade da crítica e do público presente.

Apresenta-se em diversas formações, privilegiando o Trio com Piano, o Quarteto com Piano, o Quarteto de Cordas e o Quinteto com Piano. Conta ainda com a participação de magníficos músicos, como os violinistas Tatiana Samouil, Philippe Graffin e Priya Mitchell, os violetistas Natalia Tchitch e Tony Nys, os violoncelistas Pavel Gomziakov, Justus Grimm e Christian Poltéra, o contrabaixista Tiago Pinto-Ribeiro, o clarinetista Pascal Moraguès, os pianistas Rosa Maria Barrantes e Filipe Pinto-Ribeiro, e os cantores Anna Samuil e Yuri Kissin, entre muitos outros.

FILIFE PINTO-RIBEIRO piano

Nasceu em 1975 no Porto. É considerado um dos músicos portugueses mais relevantes da actualidade. Estudou no Conservatório Tchaikovski de Moscovo sob a orientação da professora Liudmila Roschina — chefe de cátedra de piano e sucessora do seu mestre, o lendário Samuil Feinberg — tendo concluído com a máxima classificação o Doutoramento em Performance Musical - Piano. Durante os anos no Conservatório de Moscovo, estudou ainda música de câmara com Alexander Bakhchiev e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Em Portugal, foi aluno de Helena de Sá e Costa e graduou-se com Pedro Burmester na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo, no Porto.

Recebeu a influência de diversos mestres e participou em *master-classes* internacionais. Foi apreciado e aconselhado por alguns dos maiores nomes do panorama pianístico mundial.

Filipe Pinto-Ribeiro é professor de piano da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, no Porto.

Orienta frequentemente *master-classes* de piano e foi júri de concursos internacionais. Gravou diversos CD, que alcançaram excelente receptividade por parte do público e da crítica musical. O seu CD de estreia, em que interpretou obras de M. Mussorgsky, A. Scriabin, D. Schostakovich, C. Debussy e M. Ravel, está já em segunda edição (Numérica 1118). O CD *Berlin Sessions* (Numérica 1105), gravado pelo pianista na capital alemã, contém sonatas de D. Scarlatti, C. Seixas, L. Beethoven, R. Wagner e S. Prokofiev. Gravou ainda um CD em duo com a pianista Rosa Maria Barrantes, que inclui obras de G. Fauré, E. Satie, C. Debussy, F. Poulenc e M. Ravel (Numérica 1119). Em 2007, foi editado o seu último CD a solo intitulado *Bach: Piano Transcriptions* (Companhia Nacional de Música 170 CD).

Desenvolve uma intensa actividade solística e camerística, abrangendo um vasto repertório que se estende do Barroco até aos nossos dias. Em Portugal, fez a estreia de obras como os *24 Prelúdios e Fugas*, op. 87 de D. Schostakovich, a *Chaconne* de S. Gubaidulina, o *Concerto para Piano e Orquestra*, op. 33 de A. Dvorák, o *Quinteto com Piano*, op. 15 de E. W. Korngold ou a versão para piano das *Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz* de J. Haydn. Apresenta-se frequentemente a solo com diversas orquestras e maestros, em Portugal e no estrangeiro, como a Orquestra Filarmónica da Eslováquia, Orquestra Nacional do Porto, Orquestra Filarmónica da Arménia, Orquestra Clássica da Madeira, Camerata Caja Duero de Salamanca, Orquestra Metropolitana de Lisboa e Orquestra de Câmara do Kremlin, sob a direcção, entre outros, dos maestros John Nelson, Charles Olivieri-Munroe, Gérard Caussé, Roman Brogli-Sacher, Luis Izquierdo, Marc Tardue e Misha Rachlevsky. É membro do Quarteto Archino, agrupamento sediado em Bruxelas. Filipe Pinto-Ribeiro é director artístico do Schostakovich-Ensemble (DSCH), com o qual se apresentou em concertos em cidades como Lisboa, Moscovo, Tallinn ou Estocolmo. Pianista laureado, tem actuado em algumas das principais cidades da Europa, Ásia e América, vendo o seu pianismo reconhecido como ímpar pela crítica especializada nacional e internacional.



© Benjamin Eralovega

PHILIPPE GRAFFIN violino

Com um estilo único, Philippe Graffin e as suas conquistas musicais já o colocaram entre os melhores violinistas franceses. Foi aluno de Joseph Gingold e de Philipp Hirschhorn. As interpretações que fez do repertório do seu país de origem levou a que a revista *Gramophone* declarasse: "A sua compreensão do idioma musical não fica atrás de nenhuma outra." Também as suas interpretações carismáticas e criativas do repertório *mainstream* e contemporâneo têm sido aclamadas pelo público e pelos críticos de todo o mundo.

A sua extrema curiosidade conduziu-o à redescoberta de composições originais dos clássicos, de que é exemplo *Poème* de Chausson e *Tzigane* de Ravel. Também recuperou os concertos esquecidos para violino de G. Fauré, Saint-Saëns e do compositor inglês Samuel Coleridge-Taylor, assim como algumas sonatas raras de Bruno Walter, tendo desta forma alargado o seu repertório.

Philippe partilhou o palco com alguns dos maiores nomes da música do nosso tempo: Lord Menuhin, M. Rostropovich, Martha Argerich, S. Commisiona, Jean-Yves Thibaudet. Habitualmente, toca com os violoncelistas Gary Hoffman, Truls Mork, os pianistas Pascal Devoyon, Stephen Kovacevich, Claire Désert e o Quarteto Chilingirian, entre outros.

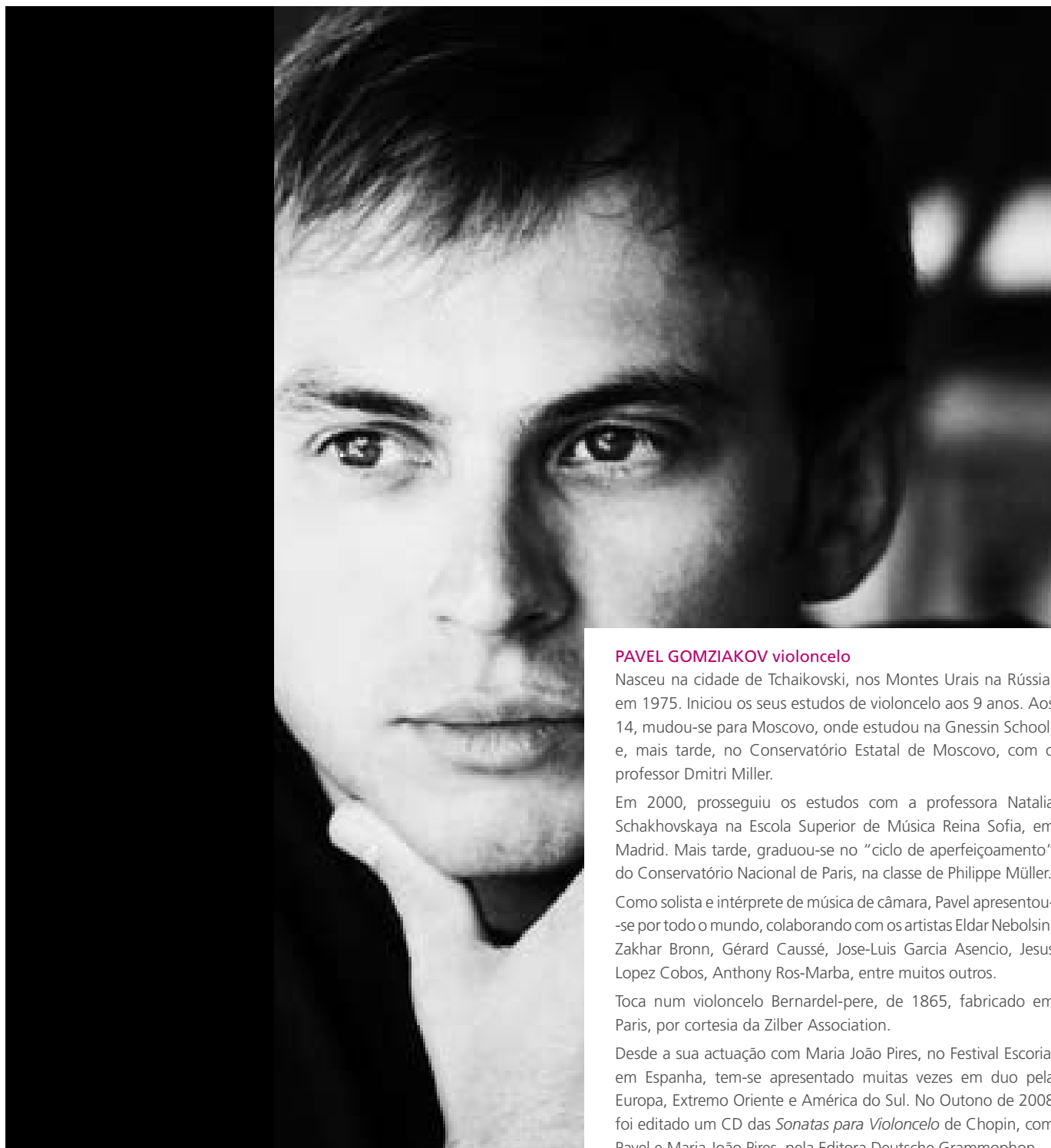
É o fundador e director artístico de Consonances, Festival Internacional de Música de Câmara de Saint Nazaire, França, e é frequentemente convidado para participar nos mais importantes festivais de música de câmara da Europa e dos Estados Unidos. Também se apresentou nos BBC Proms Chamber Music e foi convidado para director artístico de vários projectos de música de câmara no Wigmore Hall, Londres.

Como solista, apresentou-se por toda a Europa com as orquestras Royal Philharmonic, BBC Philharmonic, BBC National Orchestra of Wales, Royal Liverpool Philharmonic, Orchestre National de Lyon, Orchestre Philharmonique de Radio France, Residentie Orkest de Haia, Gothenburg Symphony, Czech Philharmonic e a Netherlands Radio Symphony Orchestra.

Philippe Graffin considera a música contemporânea fundamental, e um grande número de compositores já escreveu para ele. É o caso recente do compositor lituânico Vytautas Barkauskas, que recebeu, em 2004, o Lithuanian National Prize for Art pelo seu concerto para violino *Jeux*, que dedicou a Philippe. Estreou ainda o *Duo Concertante para Violino e Viola* de Barkauskas, com Nobuko Imai, no Vilnius Festival, e apresentou pela primeira vez o novo trabalho para violino, trompete e orquestra de Rodion Shchedrin, *Concerto Parlando*, em França e na Rússia. David Matthews compôs para ele o *Concerto n.º 2 para Violino*, e Yves Prin, Vassili Lobanov e Philippe Hersant dedicaram-lhe peças a solo.

Fez numerosas gravações para a Hyperion, obtendo importantes prémios, onde se inclui a integral de música de câmara de Chausson, os três concertos para violino de Saint-Saëns, e a magnífica coleção de obras francesas raras para violino e orquestra. Os recentes lançamentos para a Avie Records incluem os concertos de Dvorák e Coleridge-Taylor e um CD com um recital de Debussy, Enesco & Ravel. Paralelamente, no ano passado gravou para a Editora Avie o *Concerto para Violino* de Elgar e o *Poème* de Chausson em versões originais dos manuscritos. Para a ASV Gold a *Sinfonia Concertante* de Miklos Rosza. Este ano lançou um CD duplo dos *Duos para Violino e Viola* de Mozart e a *Sinfonia Concertante* com Nobuko Imai.

Da temporada de 2006/2007, é de destacar as digressões à Coreia e Japão, a interpretação da *Sinfonia Concertante* de Miklos Rosza, com Raphael Wallfisch e a BBC Concert Orchestra no Queen Elizabeth Hall, Londres, e a celebração especial do 150.º aniversário do *Concerto para Violino* de Elgar, com Vernon Handley e a Royal Liverpool Philharmonic. Philippe Graffin continua a participar no *Concerto para Violino* de Coleridge-Taylor, actuando em Londres, em Fevereiro de 2007, com a Philharmonia Orchestra, na comemoração do 200.º aniversário da abolição da escravatura no Reino Unido, e em Outubro de 2007 com a Orchestre National d'Île de France. Em 2007/2008 estreou o *Concerto Parlando* de Rodion Shchedrin no Reino Unido com a BBC Symphony Orchestra, integrado na celebração do centenário de Grieg na Wigmore Hall, e digressões pela Alemanha, Holanda, França e Finlândia. Philippe Graffin foi nomeado Artista em Residência na Universidade de Nova Iorque, em Stony Brook, na temporada de 2007/2008. Toca um violino de Domenico Busano, fabricado em Veneza em 1730.



PAVEL GOMZIAKOV violoncelo

Nasceu na cidade de Tchaikovski, nos Montes Urais na Rússia, em 1975. Iniciou os seus estudos de violoncelo aos 9 anos. Aos 14, mudou-se para Moscovo, onde estudou na Gnessin School, e, mais tarde, no Conservatório Estatal de Moscovo, com o professor Dmitri Miller.

Em 2000, prosseguiu os estudos com a professora Natalia Schakhovskaya na Escola Superior de Música Reina Sofia, em Madrid. Mais tarde, graduou-se no “ciclo de aperfeiçoamento” do Conservatório Nacional de Paris, na classe de Philippe Müller.

Como solista e intérprete de música de câmara, Pavel apresentou-se por todo o mundo, colaborando com os artistas Eldar Nebolsin, Zakhar Bronn, Gérard Caussé, Jose-Luis Garcia Asencio, Jesus Lopez Cobos, Anthony Ros-Marba, entre muitos outros.

Toca num violoncelo Bernardel-pere, de 1865, fabricado em Paris, por cortesia da Zilber Association.

Desde a sua actuação com Maria João Pires, no Festival Escorial em Espanha, tem-se apresentado muitas vezes em duo pela Europa, Extremo Oriente e América do Sul. No Outono de 2008 foi editado um CD das *Sonatas para Violoncelo* de Chopin, com Pavel e Maria João Pires, pela Editora Deutsche Grammophon.

CB3 > CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO > ANTONÍO MEGA FERREIRA (PRESIDENTE) | ANA ISABEL TRIGO MORAIS (VOGAL) | MARGARIDA VEIGA (VOGAL)
CENTRO DE ESPECTÁCULOS > DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS | MIGUEL LEAL COELHO ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO | LUISA TAVEIRA ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO | CLÁUDIA BELCHIOR, ACESSOR PARA
PROGRAMAÇÃO MUSICAL | JOÃO GODINHO SECRETARIADO DE DIRECÇÃO | LUISA INÉS DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO | CARLA RUIZ PRODUÇÃO | PAULO BARBOSA | JOÃO OLIVEIRA | INÉS CORREIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ, ASSISTENTE
DE PRODUÇÃO | RITA BAGORRO DIRECTOR DE CENA COORDENADOR | JONAS OMBERG DIRECTORES DE CENA | PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA | A ASSISTENTE DE DIRECÇÃO DE CENA | ISABEL BOAVIDA SECRETARIADO
DE DIRECÇÃO DE CENA | YOLANDA ALVES DIRECTOR TÉCNICO | PAULO GRACA | CHEFE TÉCNICO DE PALCO | RUI MARCELINO | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA | SOFIA MATOS | TÉCNICO PRINCIPAL | PEDRO CAMPOS | LUIS SANTOS | IRAUL
SEGURO | TÉCNICO EXECUTIVO | ARTUR BRANDÃO | FÉ CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR PINTO | CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA | RICARDO MELO | RODRIGO OLIVEIRA | RUI CROCA | CHEFE TÉCNICO DE
AUDIOVISUAIS | NUNO GRÁCIO TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS | RUI LEITÃO | EDUARDO NASCIMENTO | LUIS GARCIA SANTOS | NUNO RAMOS | CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO | SIAMANTO
ISMAILY TÉCNICO DE MANUTENÇÃO | JOÃO SANTANA | LUIS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA



NATALIA TCHITCH viola

Nasceu na Rússia, numa família de músicos. Aos cinco anos começou a tocar piano e violino. Recebeu formação musical durante quinze anos: primeiro na Escola Superior de Música Tchaikovski e, depois, no Conservatório Tchaikovski de Moscovo. A sua carreira de violetista começou aos treze anos, tendo sido aluna de Maria Sitkovskaya e Fiodor Druzhinin.

Durante a sua estada na Rússia tocou como solista e integrou numerosas formações de música de câmara e orquestras, tendo-se apresentado em diversas salas de concerto na Alemanha, Suíça, Itália e Áustria. Mudou-se em 1998 para Espanha, onde integrou a Orquestra Sinfónica da Galiza.

Em 2001, continuou a sua formação na Escola Superior de Música Reina Sofia de Madrid, na cátedra de viola de Gérard Caussé. Participou em *master-classes* com os professores Tomas Rieble, Paul Neubauer, Roberto Diaz, Walter Levin, Hatto Beyerly. Foi convidada para tocar nos festivais de música da Grã-Canária (2000), Santander (2001-2003), Sully, França (2002), Verbier, Suíça (2002), Nápoles, Itália (2005), colaborando com os músicos Katia e Marielle Labèque, Alain Meunier, Lucciano Berio, Maria João Pires, Gérard Caussé, Silvia Marcovici, Radovan Vlatcovich, José Luis García Asensio, entre outros. Foi laureada com o Prémio Especial no Concurso Internacional de Viola Lionel Tertí, em Inglaterra, e com o Grande Prémio no Concurso Internacional de Viola em Almaty, em 2000. Desde 2003, vive em Paris, onde tem uma actividade camerística e pedagógica muito intensa. Natalia Tchitch é membro da Orquestra da Ópera de Paris e é regularmente convidada como viola solo nas Orquestras da Ópera de Bruxelas, Sinfónica das Canárias, entre outras. Actualmente, conduz o projecto de criação da Orquestra Jovem de Câmara na Fundação Caja Duero, em Salamanca.

Desde 2004, foi professora assistente no Conservatório Superior de Música de Paris. Actualmente, é professora no Centro Superior de Música do País Basco "MUSIKENE."

O CENTRO CULTURAL DE BELÉM APRESENTA

OFICINA DE
CALIGRAFIA JAPONESA
EXPOSIÇÃO
COMUNIDADE DE LEITORES
TEATRO
CINEMA
DANÇA
LEITURAS ENCENADAS
WORKSHOP DE BUTÔ

CICLO

MIS HIMA

3 NOV. A 14 DEZ'08 UM ESBOÇO DO NADA

+ INFO. EM WWW.CCB.PT

CCB